



www.serradopilar.com | 33 Tempo Comum, 18.11.2018 | ano 44º | nº 2089

Não há outra maneira de dizer. Não há atenuantes. Num mundo que produz alimentos suficientes para dar de comer a todos os seus habitantes, a fome nada mais é do que um crime.

**NÃO É A PORNOGRAFIA
QUE É OBSCENA, É A
FOME QUE É OBSCENA.**

– José Saramago

**a fome
é um crime**

O aumento da subalimentação coincide com uma década de declínio gradual da paz mundial.

Não há outra maneira de dizer. Não há atenuantes.

Num mundo que produz alimentos suficientes para dar de comer a todos os seus habitantes, a fome nada mais é do que um crime.

Todos os dias assistimos, do conforto dos nossos sofás e a uma distância segura, proporcionada pelos ecrãs das televisões, ao desespero de pessoas pobres e vulneráveis que são forçadas a migrar nas condições mais humilhantes. A maioria delas são provenientes de áreas rurais.

Temos que fazer mais por estas pessoas. Não podemos permitir, nem nos permitir, que fiquem para trás. Fazer vista grossa e não debater as causas mais profundas e como erradicar a fome e a pobreza, é algo criminoso. Sabemos como fazê-lo. Sabemos o que funciona. Mas não teremos sucesso se a violência continuar, se os conflitos não terminarem. Os dados mais recentes da FAO indicam que, após quase uma década de declínio, o número de pessoas afetadas pela fome no mundo aumentou novamente, com 815 milhões de habitantes a sofrer de desnutrição crónica em 2016. Em 2017, 124 milhões necessitaram de assistência alimentar de emergência, em comparação com os 108 milhões de 2016.

Não é uma coincidência o facto destes números refletirem uma década de redução gradual da paz mundial, principalmente devido aos crescentes conflitos no Oriente Médio e na África, e seus efeitos indiretos noutras áreas, segundo dados do *Global Peace Index* deste ano, publicados no início deste mês. Não nos faltam, pois, novas evidências: a fome tem aumentado em cenários mais violentos. A relação é direta. É em países como a Síria, o Iémen, o Afeganistão, o Sudão do Sul, o Iraque e a Somália que encontramos algumas das maiores taxas de insegurança alimentar. A América Latina também apresenta um retrocesso no desenvolvimento – e, nalguns casos, verifica-se, também, o retorno da fome e da exclusão social, devido a conflitos internos e à instabilidade social.

Por isso, é um paradoxo verificarmos que os gastos militares globais continuam a aumentar, enquanto os países destinam cada vez menos recursos para combater a fome no mundo.

Precisamos de mais empenhamento. Precisamos de mais apoio financeiro para salvar os meios de subsistência que contribuem para uma paz duradoura. Precisamos de investir para que as pessoas tenham oportunidades de permanecer nas suas terras, e para que a migração seja uma questão de opção, e não um último e desesperado recurso.

Esta relação é, muitas vezes, ignorada, mas todos os países devem ter em conta que a paz e o fim dos conflitos são essenciais para reduzir, novamente, o número de pessoas famintas.

E todos devemos lembrar-nos que a paz não é, apenas, a ausência de conflitos. A paz é uma dinâmica muito mais complexa e permanente das relações entre pessoas e povos, em que os alimentos ocupam um lugar fundamental.

Os direitos humanos e os povos são valores indivisíveis na construção democrática, e fundamentais para alcançar a plena igualdade. Por isso, é urgente que fortaleçamos as condições de vida e que trabalhemos pelo desenvolvimento, tanto dos povos como dos pequenos e médios produtores rurais. Só assim, eles poderão afirmar os seus valores e desfrutar de uma vida digna.

Nesta dinâmica, há algo inquestionável: os mais pobres são aqueles que mais precisam do apoio e da solidariedade do resto do mundo. Só baseados nesta conceção, poderemos erradicar a fome e construir uma sociedade mais justa e mais humana para todos.

O artigo é de **JOSÉ GRAZIANO DA SILVA**, Diretor-Geral da FAO e **ADOLFO PÉREZ ESQUIVEL**, Prémio Nobel da Paz e membro da Aliança da FAO pela Segurança Alimentar e Paz, publicado por *El País*, 26-06-2018. 000



AMAL HUSSAIN tinha sete anos e sobrevivia num campo de refugiados no norte do **Iémen**, à fome, malnutrição, e tudo o mais que continua a atingir milhões de refugiados naquele país devastado pela guerra, entre um governo suportado pela Arábia Saudita e fações apoiadas pelo Irão. Morreu esta sexta-feira, dias depois do repórter norte-americano Tyler Hicks

ter divulgado a sua foto por todo o mundo, tornando-a um símbolo daquela crise humanitária.

Amal estava sempre a sorrir. Agora estou preocupada com os meus outros filhos", são as palavras de Mariam Ali, a mãe da menina, que só acrescenta: *"O meu coração está partido"*.

A notícia da morte da menina Amal foi comunicada ao jornal *The New York Times*, para o qual trabalha o repórter Tyler Hicks, Prémio Pulitzer, o qual confessou a um programa de rádio que fotografar Amal foi "difícil" e "doloroso", mas também "importante".

Ela mostra realmente o quão trágicas, a desnutrição e a fome, se tornaram no Iémen", disse o repórter fotográfico.

Na semana passada [31/10], o chefe dos Assuntos Humanitários das Nações Unidas, Mark Lowcock, avisou o Conselho de Segurança, de que o Iémen está em perigo de ser engolido por uma **"iminente e grande falta de alimentos"** que pode afetar 14 milhões de pessoas.

O Iémen está num precipício. A comunidade internacional tem uma oportunidade real de deter o ciclo, sem sentido, de violência e evitar uma catástrofe iminente. A hora de agir é agora", afirmou já esta sexta-feira o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres.



AMAL HUSSAIN tinha sete anos e sobrevivia num campo de refugiados no norte do **Iémen**

a não antiquíssima vida

Eis a morte sempre inclusa em sórdidos locais onde e aonde
permitimos que se não nidifique o viver
No Iémen ou noutra armazém faminto de aterradores
sofreres só a finitude arrastada para lá e para cá nas nossas
vidas
indica quanto o inesgotável direito à vida ficou por viver
sem que cada um de nós assumisse a data de início com a qual
se comprometeu à promessa da carta que
com os nossos cumprimentos e preocupações para trás e para
a frente ficou sem resposta ou a falta de vida no destino não
fosse muda
sendo certo que em breve nada teremos a dizer nem sequer
haverá nada para decifrar entre linhas no correio sem
remetente de penas perdidas
e tanto direito de posse e de poder têm até os deuses que nas
suas mãos deixamos a resposta a este esgar
mera lembrança de olhar



após o que
como se nada acontecido ou as guerras nem fossem empresas
acesas
ou nós nem predadores da pobreza
não estivéssemos todos ateados por negligência
quando o corpo do vizinho é pasto de várias chamas abertas
onde não mora o dinheiro
já que este se aquartelou no quê e justificou o porquê
ó amor nosso de cada dia
que hora tardia em que se revela a ruína dos seres
como um regresso essencial a nada se salvar
hoje
ou sempre
traço a traço a juro de um demónio
que sempre fará colapsar antes da meta
a quem

Teresa Bracinha Vieira

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/a-nao-antiquissima-vida-725242> (08/11/2018)

Cartas de Camilo Maria, Marquês de Sarolea

na verdade, é a vida que é mistério,
a morte apenas certeza.



A Ceia de Emaus de Caravaggio

Minha Princesa de mim:

E escrevo-te mais uma carta póstuma. E é póstuma mesmo, posto que a não deixei aí, na tua caixa do correio, nem sequer nas mãos de algum grumete que a levasse. Vai ela desde aqui, que não é sítio, nem de cima nem de baixo, nem tem data de antes, agora ou depois. Segue simplesmente uma carta, inspirada por esse afago sem tempo nem espaço, o tal que começa por onde todos passamos, e não termina. Há coisas que só Deus sabe. Dos

sofrimentos e alegrias que passei, não fica dor, nem gáudio, nem paixão qualquer, nem sequer lembrança... A eternidade não é contínua, não tem duração. É simplesmente ser. Talvez por isso nos convencemos de que Deus é amor. Como mão que demos e nunca foi largada. Morto, não valho mais, nem menos. Tampouco existo, existir é só o modo episódico da essência. A essência, sabes bem, é a substância - se assim me posso exprimir - de *essere*, ou do sermos, tranquilamente. Não tem esquecimento nem recordação, não se angustia nem agita, não cala nem exclama. Permanece. Quando saduceus perguntaram a Jesus quem seria, na ressurreição da vida eterna, o marido da mulher que, de acordo com a lei hebraica, por viuvez casara com sete irmãos, esse Mestre respondeu : *aqueles que forem*

dignos de tomar parte na vida futura e na ressurreição dos mortos, nem se casam nem se dão em casamento. Na verdade, já não podem morrer, pois são como os anjos, e, porque nasceram da ressurreição, são filhos de Deus... ...Não é um Deus de mortos, mas de vivos, porque para Ele todos estão vivos. E acrescenta S. Lucas que mais ninguém se atreveu a fazer-lhe perguntas. Na verdade, é a vida que é mistério, a morte apenas certeza. Certeza inelutável de que o nosso tempo tem conta, peso e medida. O tempo de Deus é outro, talvez não exista, ou quiçá exista agora e seja eternamente. Mas agora, só é, no coração de cada existência, não um cômputo, mas uma abertura ao desconhecido, um terrível sentido muito fundo de que, apesar da nossa contingência, tudo é graça. E nada pode ser mais dolorosamente gratuito do que sorrir alegremente à vida, a essa vida que sem pedido nosso nos foi dada, e que, com ou

sem pedido, nos será tirada. Episódio? Sim ou não, talvez nos valha ir soprando a íntima centelha que, crescendo em chama, nos vá alumando o caminho escuro do mistério. Digo-te isto tudo, sem pessimismo nem tristeza. Apenas com imenso respeito por todos nós - por ti, por mim, por todos os que, em tantos modos, acreditam ou desacreditam - e com a alma cheia de sabores sempre novos, porque é inefável o gosto antecipado do que ainda não conhecemos. Será mesmo póstuma a carta? Ou tê-la-ei eu escrito antes da hora? Ou pensei-a fora de horas? Ou estarei simplesmente a sentir que, por muito que queira e gostasse, homem nenhum pode recordar ontem, e viver hoje, sem que a manhã por vir lhe entristeça ou deslumbre o coração? Sinto-me pobre e rico. E dou-te uma mão de afectos, sem anéis...

Camilo Maria

Camilo Martins de Oliveira

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/cartas-de-camilo-maria-marques-de-318563> (02/01/2015)



um estudo sobre o Coliseu do Porto nos 75 anos de atividade

Assinala-se a publicação de um conjunto de volumes evocativos da fundação do Coliseu do Porto, precisamente intitulado “O COLISEU E A CIDADE: 75 ANOS DE HISTÓRIA” (2018).

Trata-se efetivamente de uma evocação histórica em si mesma do edifício, mas mais do que isso: o conjunto de publicações, editadas pelo próprio Coliseu, envolvem um vasto referencial de documentação de uma das mais relevantes casas de espetáculo da cidade, na perspetiva abrangente de arquitetura, urbanismo, atividade cultural e também de valores adjacentes no âmbito, insiste-se, da cultura e do espetáculo em si.

Porque de tudo isso historia e documenta o conjunto das publicações, a saber, um volume de introdução com 7 textos da autoria de Rui Moreira na qualidade de Presidente da CMP, e de Eduardo Paz Barroso na qualidade de Presidente do Coliseu do Porto, de Henrique Cayate -Designer, Luís Cabral - Bibliotecário, Miguel Guedes - Músico, Álvaro Costa – Comunicador e Bernardo Pinto de Almeida – Poeta e Ensaísta: as designações são do próprio livro, mas servem aqui para documentar com toda a justiça a amplitude do conjunto dos estudos.

Mas mais do que isso: independentemente da larga qualidade e abrangência dos aspetos analisados, há que valorizar a documentação gráfica e fotográfica, passe a redundância que aqui é propositada, em dezenas de fotografias devidamente legendadas e documentadas, e que, no conjunto, constituem uma vasta referência do edifício e da sua atividade cultural ao longo destas dezenas de anos.

E curiosamente, o livro de imagens abre com uma reprodução fotográfica do requerimento, em papel selado como então se impunha, redigido numa linguagem que em tudo documenta o ambiente político, administrativo e cultural da época:

“Exma. Câmara Municipal do Porto:

A Empresa Artística S.A.R.L. com sede na rua de Passos Manoel, Jardim Passos Manoel, desejando reconstruir no seu terreno, uma nova casa de espetáculos, conforme o projeto junto, de forma a que esta seja inaugurada oficialmente durante as Festas do Duplo Centenário, contribuindo assim na medida do que lhe é possível, para o brilho e esplendor das mesmas nesta Cidade, aguarda que a Ex.ma Câmara do Porto, animada do mesmo desejo, faça a sua aprovação o mais rapidamente possível e autorize o início das obras imediatamente. Assim, contribuiremos todos para o prestígio do Estado Novo e mostrar-nos-emos atentos ao apelo de Sua Exa o Sr. Presidente do Conselho”.

O requerimento é datado de 1 de março de 1939. A linguagem e o ambiente político mostram-no bem!... E ainda mais, se tivermos presente que a ideia de contruir um edifício destinado a espetáculos vinha já de 1937 e passou por vários projetos e arquitetos. Acaba por prevalecer um projeto de Cassiano Branco.

E depois de variadíssimos episódios, será inaugurado em 19 de dezembro de 1941 com um concerto da Orquestra Sinfónica do Porto, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco tendo como solistas a pianista Helena Moreira de Sá e Costa e a cantora Maria Amélia Duarte de Almeida.

O Coliseu do Porto sofreu alterações e esteve a certa altura para ser encerrado e demolido, Mas reabriu em Novembro de 1998 com uma récita da “Carmen” de Bizet. E até hoje se impõe numa heterogeneidade de espetáculos, como o livro acima citado amplamente descreve.

E em boa hora conserva a estrutura e ambiência do edifício e da grande sala principal.

DUARTE IVO CRUZ

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/um-estudo-sobre-o-coliseu-do-porto-nos-666256> (21/04/2018)